

O COMPROMETIMENTO DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO E A SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Cenilza Pereira dos Santos¹, Maria Poliana Silva de O. Nascimento²

Eixo Temático: Formação Discente e Espaços de Atuação

Resumo: Ingressar no Ensino Superior tem sido o sonho de vários estudantes de classes sociais menos favorecidas, apesar do aumento significativo de acesso à universidade devido às políticas públicas de ingresso e de permanência, apenas 15% dos brasileiros conseguem esse intento. Contudo, esse universo acadêmico tem se tornado um dos principais palcos de debates e polêmicas acerca dos problemas sociais que afetam o sistema educacional, como falta de financiamento, deficiência de aprendizagem, assistencialismo, professores universitários sem formação para atender as necessidades acadêmicas dessa nova demanda de estudantes. A inquietação que inspirou essa pesquisa diz respeito ao comprometimento do estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEB, Campus XI, com a sua formação. A partir desse problema, colocaram-se algumas questões orientadoras: como o estudante do curso de Pedagogia do Campus XVI compreende o seu comprometimento no Ensino Superior? O comprometimento do estudante do Ensino Superior resulta em qualidade em sua formação? A partir dessas inquietações, foi definido como objetivo geral: analisar o comprometimento do estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEB, Campus XI, com a sua formação. Como fundamentação teórica, nos baseamos em Castanho (2000); Coulon (2008); Engers e Morosini (2007); Teixeira (2002). Essa pesquisa é de natureza qualitativa, em que se utilizou como inspiração a Teoria Fundamentada em Dados como metodologia de pesquisa. Essa escolha justifica-se pela intenção de ter os dados como diretriz, uma vez que, eles farão o pesquisador buscar perspectivas teóricas para sua compreensão e interpretação, a partir de um tratamento criativo (STRAUSS; CORBIN, 2008; CHARMAZ, 2009). Como dispositivos de coleta de dados se usou a observação intensa em duas turmas do Curso de Licenciatura em Pedagogia, e a entrevista semiestruturada com uma amostra de estudantes de cada turma. Sabemos que para abarcar a demanda atual da sociedade tecnológica e moderna, requer da Universidade, do professor e do estudante um novo modelo educacional, que deve ser pensado e construído pelos principais envolvidos no processo educativo. Acreditamos que a aprendizagem na Universidade se dá de forma bilateral. É necessária a coparticipação e parceria entre os envolvidos nesse processo, pois a comunicação exige reciprocidade entre os participantes do encontro na aula universitária. Portanto, docente e discente, devem trabalhar para concretude desse processo.

Palavras-chave: Ensino superior; Formação acadêmica; comprometimento estudantil.

Iniciando o diálogo

Vivemos numa sociedade que a cada dia exige mais do profissional e isso resulta numa corrida pela formação, sendo que a educação assume uma função importante uma vez

¹Doutora em Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XI. E-mail: cenisantos@gmail.com.

²Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XI. E-mail: pollynascimento.27@hotmail.com.

que é o principal meio de alcançar o prestígio social. Ter um curso superior hoje é o objetivo de muitas pessoas, apesar de ser alcançado apenas por menos de 20 milhões de brasileiros. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), só 15,3% da população haviam concluído o Ensino Superior em 2016. Esse é um dado para análise diante da exclusão vivenciada pela grande maioria da classe trabalhadora brasileira, explicada também pelas questões e condições históricas de criação da própria universidade.

A universidade surgiu nos séculos XI e XII, na Europa (CASTANHO, 2000). Antes de ser fundada essa instituição, o Ensino Superior acontecia nas escolas dos mosteiros e catedrais. No Brasil, os primeiros indícios de Universidade chegaram com a vinda da família real portuguesa; três séculos após a chegada dos portugueses ao Brasil, foi implantada a primeira faculdade brasileira com a preocupação em atender as necessidades da elite, os jovens ricos que, por causa do bloqueio continental, não puderam cursar o ensino superior na Europa.

A partir daí, as faculdades foram sendo construídas com o objetivo de atender aos desejos da classe alta. Só nos anos 1970 é que houve um grande avanço na procura pelo Ensino Superior devido à expansão das universidades públicas e a busca por um diploma aumentou por causa da modernização da sociedade que se industrializava rapidamente.

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96) produziu modificações no Ensino Superior como a ampliação e expansão de instituições públicas e privadas de ensino. Além da LDB, podemos apontar a Lei nº 10.260/2001, que dispôs sobre o Fundo de Financiamento do Estudante do Ensino Superior (FIES). O FIES ampliou a possibilidade de ingresso de estudantes em instituições privadas por ter sido um setor privilegiado para expansão nesse período.

Em relação às iniciativas direcionadas a democratização do ensino superior, essas são demarcadas a partir de 2003 quando houve eco as reivindicações dos movimentos sociais pelo governo da época que, dentre outros interesses, visava valorizar a universidade pública e defender a educação como um direito de todos. Assim, políticas de acesso e permanência foram propostas e criadas com o objetivo de amenizar as desigualdades sociais existentes no setor educacional.

Do mesmo modo, o Plano de Desenvolvimento da Educação - PDE (BRASIL; 2007), foi elaborado e dentre seus objetivos está o de “expandir e defender a universidade pública” bem como dar reforço a “(...) expansão dos cursos noturnos, a ampliação da mobilidade estudantil, a revisão da estrutura acadêmica e a diversificação das modalidades de graduação” (BRASIL, 2007, p. 27-28). Neste sentido, foram criadas pelo Estado, a partir das reivindicações, ações educativas de inclusão como medidas especiais para atender a

população mais pobre e excluída do acesso ao Ensino Superior, garantindo igualdade de oportunidade através dos programas: Sistema de Seleção Unificado (SISU) (BRASIL, 2017) e o Programa Universidade para Todos (Prouni) (BRASIL, 2005).

Diante desse cenário de inclusão e para atender a demanda social, requer da Universidade, do docente e do estudante, a construção de um novo modelo educacional pensado numa relação dialógica envolvendo os protagonistas do processo educativo. Segundo a Declaração Mundial sobre Educação Superior no século XXI: visão e ação (UNESCO, 1998), a Universidade tem uma missão que envolve educar, formar e realizar pesquisas, além de, promover a integração cultural, proteger e consolidar valores, proporcionando perspectivas críticas e objetivas contribuindo dessa forma para o aperfeiçoamento profissional do sujeito.

Por outro lado, não podemos deixar de considerar o que sinaliza Coulon (2008) quanto à falta obrigatoriedade do ensino superior. De acordo com o autor, o Ensino Superior é uma escolha, no entanto para que possa usufruir ao máximo das situações de aprendizagem para o desenvolvimento da autonomia pessoal e profissional, exige-se um sujeito autônomo e comprometido já que é um nível de ensino direcionado para pessoas adultas.

Nessa mesma perspectiva, Masetto (2003) afirma que a aprendizagem é um processo que exige reciprocidade entre os participantes no Ensino Superior, a troca de experiência acontece durante a alternância dos papéis e os objetivos do que se quer alcançar, precisam ser debatidos juntos, desde o primeiro momento, objetivando uma formação eficaz. Compartilhamos a ideia de Freire (1996) quando este apresenta como princípio de uma educação libertadora, o desenvolvimento da autonomia do sujeito que aprende por meio de estratégias próprias no anseio pelo conhecimento, não negando o papel do docente no sentido de “olhar” para esse movimento nas instituições educacionais.

Sendo assim, o papel do professor passa a ser o de mediador da aprendizagem, ficando sob a responsabilidade do estudante a participação e o envolvimento nas atividades, na tomada de decisões de forma consciente e no encargo de arcar com as consequências por tê-las tomado, possibilitando dessa forma, maior aproveitamento dos conteúdos e, conseqüentemente, uma formação de qualidade.

Engers e Morosini (2007, p. 99) afirmam que “o comprometimento do estudante com a aprendizagem é o envolvimento individual com atividades relevantes que são instrumentais para sua aprendizagem”. Dessa forma, buscamos entender o movimento acadêmico entre os discentes e seu comprometimento com a formação.

Assim, colocou-se como problema de pesquisa o comprometimento de estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia para com a sua formação. Este gerou as seguintes

questões: Como o estudante do Campus XI compreende o comprometimento no Ensino Superior? O comprometimento do estudante no Ensino Superior resulta em qualidade na sua formação?

Como objetivo geral foi definido: analisar o comprometimento do estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia de uma universidade pública do interior da Bahia com a sua formação acadêmica. Para sistematizá-lo, objetivos específicos foram estabelecidos como orientadores dessa busca, como: entender o conceito de comprometimento desses estudantes universitários; identificar a importância que esses estudantes dão ao desenvolvimento das aulas.

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, e se constitui de natureza fenomenológica visto que se refere ao olhar atento “para o fenômeno quando e como ele se mostra; o descrever e não o explicar os fenômenos e, o não se deixar levar pelas crenças sobre a realidade”. (SIANE; CORREA; CASAS, 2016, p. 208).

Dentre os teóricos que abordam sobre a pesquisa qualitativa, também dialogamos com Gaskell (2008, p.68) que salienta que “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”. Assim, busca-se compreender os fenômenos estudados através da subjetividade dos sujeitos, o olhar dos autores nos leva a entender o que pensam e dizem os colaboradores da pesquisa, possibilitando a obtenção e interpretação dos dados relevantes para o fenômeno estudado.

Nesse sentido e de acordo com os referenciais da pesquisa qualitativa de caráter fenomenológico, buscamos inspiração na Teoria Fundamentada em Dados (TFD) como metodologia de pesquisa e coleta de dados. Dialogando com Charmaz (2009) e Strauss e Corbin (2008) sobre a metodologia aqui empreendida, percebemos que a TFD além de gerar teoria também é capaz de “basear essa teoria em dados. Tanto a teoria como a análise de dados envolve interpretação, mas, pelo menos, é interpretação baseada em investigação feita sistematicamente.” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 21). Diante do curto período de pesquisa não é possível dizer que esta seguiu os princípios da TFD, mas a metodologia foi tomada como inspiração, uma vez que uma teoria não é construída num tempo diminuto. Para a coleta de dados no campo empírico utilizou-se como dispositivos a observação intensa, o diário de campo e a entrevista semiestruturada.

O lócus da pesquisa foi numa universidade pública no interior da Bahia, com sujeitos vinculados ao Departamento de Educação a 185 km da Capital do Estado. Num curso com oito turmas, reduzimos para duas, utilizando como critério as que estivessem na segunda metade do curso e não fossem concluintes. Nessa perspectiva, foram escolhidas as turmas

ingressantes no ano de 2015. A seleção dos sujeitos deu-se, inicialmente por adesão e os quarenta estudantes das duas turmas se apresentaram como colaboradores, nesse caso, foi feito um sorteio, selecionando um total de 08 estudantes. Para garantir o sigilo de identificação que a pesquisa requer, foi dado nome de flores as entrevistadas todas do sexo feminino.

2 O comprometimento do estudante e seu ofício

Ser estudante do ensino superior pressupõe compromisso e responsabilidade uma vez que não é mais um seguimento do ensino obrigatório. Alguns alunos na universidade ainda não compreenderam o ofício de estudante, dificultando a aquisição de conhecimentos basilares para exercer seu papel. Aprender esse ofício é necessário e demanda além de ingressar, permanecer com êxito na universidade.

Dentre suas funções podemos destacar o tempo destinado às leituras, as pesquisas e ao estudo, ou seja, o envolvimento com a aprendizagem. Para Felicette e Morosini (2010, p. 03) significa “(...) a relevância dada ao como aprender, isto é, a variedade e intensidade de meios utilizados para tal, como também o tempo disponibilizado para esse fim.” Nesse sentido, Coulon (2008, p.31) enfatiza que a entrada na universidade requer do sujeito uma passagem, pois “é necessário passar do estatuto de aluno ao de estudante” e essa transição envolve a autonomia do estudante.

A escolha do curso e o ingresso no ensino superior é uma fase difícil para muitos estudantes, provocando sentimentos diversos. Dentre os sentimentos que podem tomar conta dos novos ingressantes há a alegria por estar numa universidade; a ansiedade, por ser um espaço diferente do frequentado na Educação Básica; a incerteza, por não ter clareza do que realmente deseja profissionalmente.

Ao ingressar no Ensino Superior, de acordo com Coulon (2008), torna-se importante encontrar o ponto que ligue o estudante a universidade, requer compreensão das normas que embasam esse universo acadêmico e que para ter êxito, esses códigos precisam ser obedecidos. Dessa forma, o novo ingressante deve ter em mente que mudanças estão por vir e romper com o passado imediato faz-se prudente.

Como toda a passagem, a que conduz à universidade é, escrupulosamente, regulamentada e é preciso, para realizá-la com sucesso, seguir, simultaneamente, as regras que a regem e compreender as variações nelas provocadas pela vida cotidiana. (COULON, 2008, p. 83)

Nesse sentido, há oscilação no sentimento dos estudantes, pois às vezes é alegria e às vezes medo e ansiedade, embora ainda existam àqueles em que a indecisão seja mais forte. Com o passar dos dias os sentimentos vão se acomodando e os estudantes acostumam-se e afiliam-se, ou não, ao novo ambiente acadêmico. Afiliação é um processo que todos os ingressantes devem percorrer até tornarem-se estudantes universitários. É nesse percurso que o estudante aprende as regras e códigos que fazem parte do Ensino Superior e procede de forma que os professores reconheçam que estes exercem o ofício de estudante.

Nessa perspectiva, Coulon (2008) define que um estudante está afiliado quando este é capaz de compreender “as regras do currículo, descobrir aquelas que estão escondidas e usá-las na construção individualizada de seu percurso”, por exemplo. (p. 202). A universidade e os veteranos podem contribuir para que o processo de afiliação seja mais rápido e satisfatório, desde o acolhimento da “Calourada”³ ou “Semana de Integração” que acontece neste ambiente acadêmico atualmente.

No momento da entrevista ao falar da escolha do curso e o ingresso na universidade houve uma diversidade de opiniões que iam dos extremos como a identificação familiar até a curiosidade. Dentre os relatos das colaboradoras temos:

[...] em casa eu já tenho casos de professoras, minha mãe é professora, minha tia é professora, tenho primas e parentes próximas professoras e eu quis fazer a experiência e estou gostando, tá sendo muito bom, pretendo continuar e seguir a carreira. (Tulipa).

Em primeiro momento, foi pela oportunidade, a questão de região mesmo, próximo, eu não queria ficar em casa sem fazer nada, queria algo para minha vida (Hortência). Quando eu soube que fui aprovada fiquei feliz e vir para (a universidade) foi uma mudança de vida. Eu me senti livre da situação que estava passando e quando eu me deparei com as aulas de Psicologia, nossa! Aquilo mexeu muito comigo, pois o que eu queria fazer era Psicologia. (Miosótis).

[...] eu estava concluindo o Ensino Médio e eu decidi prestar o vestibular para Pedagogia por curiosidade (...) e comecei a cursar, e aí eu descobri que eu me identifico muito. (Papoula).

Nenhuma das colaboradoras deixou claro que já tinha decidido o que realmente queria para suas vidas, assim, as influências dos familiares foram decisivas em suas escolhas. Por um lado, estar sob a influência da família e amigos pode interferir nas escolhas, pois o laço de afetividade impede que os sujeitos tenham de escolher e arcar com as consequências da ação. Por outro, dá segurança e apoio para o sujeito seguir com suas escolhas.

Embora Hortência não tenha citado a influência de parentes ou amigos, vê como falta de opção e isso representa a sua não identificação com a formação em Pedagogia, o que pode impactar nos esforços empregados nesse processo.

³ Semana em que os estudantes ingressantes são “apresentados” ao ambiente acadêmico pelos estudantes veteranos. Acontece semestralmente no Departamento de Educação da universidade, *locus* da pesquisa.

Entretanto, algumas colaboradoras vivenciaram outras emoções tanto na escolha quanto no ingresso ao curso, nesse caso, a determinação e a persistência em saber desde o Ensino Médio o que queriam realmente cursar, contribuiu na sua organização pessoal.

Sempre me identifiquei com essa área, de ensinar, a princípio eu não queria mais Pedagogia porque eu já estava muito acostumada a ensinar, eu já ensinava na igreja e aí eu pensava se eu for fazer Pedagogia eu vou fazer tudo que eu já fiz, não tem nada de novo, ficava em busca de novidades, mas não saía o desejo de ser Pedagoga, de ser professora e aí eu fiz. (Lírio).

Foi mais por escolha. Foi uma escolha muito difícil, com relação a outras pessoas quererem influenciar, principalmente, meus professores, porque eu venho de um meio educacional, de escola privada, então não se espera que um aluno de escola privada faça um curso que é excluído das profissões do futuro. Então eu senti certa dificuldade nesse sentido, mas em relação a minha escolha, desde o meu primeiro ano eu já dizia que seria isso. (Bromélia).

A princípio (...) eu fiz magistério porque eu queria a área de educação e tinha vontade de ser professor. (Violeta).

Percebe-se pelas falas que a escolha do curso nem sempre se dá de forma individual, as pessoas que estão no convívio com os estudantes tentam influenciar nas opções profissionais. Pensamos o estudante enquanto sujeito capaz de escolher e interagir no processo de ensino e de aprendizagem, não delegando o direito de decidir seu futuro a outrem. Para Coulon (2008) o ingresso na universidade é um ato positivo, mesmo que seja caracterizado por indecisão:

Existem os que se inscrevem na universidade por não saber o que fazer, mas mesmo neste caso, o ato é vivido como positivo, pois começa um novo trecho da vida onde se imagina ter a chance de descobrir seu próprio caminho e, finalmente, virar a primeira pagina: a do ensino médio. (COULON 2008, p. 77).

Nesse novo ciclo o estudante universitário precisa aprender como funciona o universo acadêmico, pois a universidade se configura numa experiência única e diferente daquela vivida no Ensino Médio e isso requer rupturas. Ainda de acordo com esse autor (p. 70) “A universidade é uma experiência de estranhamento radical, a linguagem, os procedimentos se organizam de forma diferente daquela do ensino médio” e, nesse sentido, a autonomia e o comprometimento do estudante universitário são de suma importância para sua formação. Deve-se ressaltar que comprometimento não deve ser confundido apenas com compromisso, porque vai além, envolvem aspirações e metas, o entendimento do quem é, do que se quer e do que se luta para conquistar.

Atrelado ao comprometimento do estudante com a sua formação, está à relevância dada ao seu processo de aprendizagem, ou seja, ao tempo empregado nos estudos, à diversidade e intensidade dos recursos utilizados, sendo um envolvimento individual por parte do universitário com as atividades que favorece a aprendizagem.

Assim, durante as observações intensas (diário de campo) que tinham como objetivo observar o desenvolvimento das aulas, a realização de atividades e relações interativas, ficou evidente que algumas estudantes apresentaram fragilidade em relação ao seu papel na universidade, pois em momentos que exigiam esforço e dedicação apresentavam ausência de participação e interesse. Nesses momentos foram observadas algumas posturas quanto à participação desses sujeitos nas discussões: a interação, os questionamentos e participação, centravam-se sempre nos mesmos estudantes, nesse caso, aqueles que tinham clareza de suas escolhas ou que apresentavam em certezas quanto ao curso escolhido ou quanto à responsabilidade com a formação.

Outra constatação foi que a falta de participação faz com que uma aula classificada como exposição dialogada, em que a mediação faz parte do processo, fique centrada no professor e transforme-se numa exposição pura e simples, sem questionamentos. O fato era que o professor encontrava dificuldades para desenvolver o planejamento, pois apesar de provocar na tentativa de discutir e contextualizar os conteúdos, a apatia impedia a construção de aprendizagens significativas para a formação.

A turma demonstra muita preocupação em copiar tudo o que está nos slides. Será que essas informações norteiam os estudos em casa ou é uma crença no modelo de reprodução implantado no ensino centrado no professor? Qual o entrave nas rodas de diálogo? E o movimento de entradas e saídas constantes, sentar e copiar gera conhecimento? No momento da discussão entre grupos, o texto não foi lido e algumas não sabiam o nome do texto, nem a que grupo pertencia? (Diário de campo, 21/03/2018)

A professora questionou qual o entrave, o que eles pensavam enquanto sujeito diante de tantos retrocessos na conjuntura atual de país que estamos vivendo e uma estudante disse que não sabia. Isso gerou certo incômodo na professora que continuou a perguntar: “como vocês se sentem diante do que está posto?” e ainda frisou que era uma sensação de “letargia” e era isso que eu sentia ao observar a sala. A turma parecia inerte, pareciam desiludidos. Era sofredor observar aquele momento. (Diário de campo, 22/03/2018).

Esses fragmentos nos levam a pensar sobre a importância de uma reflexão pelos estudantes acerca do seu papel na universidade, pois ficou evidente a falta de compromisso e responsabilidade, assim, nos questionamos: como esses estudantes compreendem o comprometimento no Ensino Superior? A seguir o depoimento das colaboradoras.

Comprometimento é você se responsabilizar por aquilo que você tá fazendo. (...) Eu acho que envolve mais a leitura do texto, a gente se envolver no que foi passado na sala e procurar pesquisar mais além daquilo ali (...) buscar o assunto, buscar além do que foi em sala. (Tulipa).

Responsabilidade. O primeiro que vem em minha mente é responsabilidade. É ter responsabilidade e ter foco. (...) Eu acho que depende do aluno também, porque depende da pessoa querer, depende de você. (Miosótis).

[...] quando a pessoa tem a consciência do que está fazendo e qual a sua postura diante daquilo. Em relação à questão do estudante (...) aquele que entende que dentro do seu processo de formação, você é o responsável pelo mesmo, de forma

que você se compromete a estudar os textos propostos, a fazer aquilo que o professor pede e não só se limitar a isso, você precisa buscar muito mais, porque como eu já falei, sendo você responsável por sua formação, isso tudo depende de você. (Sempre-viva).

Comprometimento é sinônimo de responsabilidade, eu acho. É a gente, porque a nossa formação é uma via de mão dupla, a gente tem contato com as teorias, com os professores que vão nos ensinar, mediar essas teorias, mas se a gente não tiver responsabilidade com o nosso próprio conhecimento, com a nossa própria aprendizagem, a gente está denotando uma falta de comprometimento. (Lírio).

Essas colaboradoras apresentam o conceito de comprometimento como sinônimo de responsabilidade. Enfatizam também que depende de cada sujeito se mobilizar, querer ser protagonista do seu processo formativo. Miosótis ainda trouxe a necessidade de ter foco como algo associado à responsabilidade para formar a unidade do comprometimento.

Pensando assim, a “irresponsabilidade”, a falta de comprometimento do estudante frente ao processo formativo trará consequências negativas para a educação visto que a qualidade do profissional vai depender da responsabilidade deste perante a formação. Entretanto, embora essas colaboradoras apresentem nas falas que compreendem o conceito de comprometimento, nem todas as posturas observadas condizem com as definições apresentadas por elas, fato visível nas observações e que acabam impactando na formação.

As demais estudantes entrevistadas trouxeram outros conceitos para definir comprometimento. Vejamos:

Dedicação. Você dar o melhor de si pra realizar algo, acha que esforço também (...), é o nível que você vai se comprometer, mas eu penso também que há boa parcela de personalidade em tudo isso (...) eu acho que diante dos contextos, a pessoa tem que dar o melhor de si pra desenvolver algo (...), associando até a maturidade (...) eu vim do Ensino Médio com a noção de que era o professor que ia me explicar. Eu só ia prestar atenção, anotar, ler depois. Eu não tinha essa visão de que eu ia construir algo por mim, a partir do meu mérito. Eu não tinha isso. (Papoula).

Comprometimento é o mesmo que o seu compromisso. É mais ou menos isso? (...) Comprometimento é eu estar comprometida com o meu curso... de maneira que eu possa dar o melhor de mim ali. Se eu gosto da Pedagogia ou não, eu estou naquela área, tenho que dar o melhor de mim, independente de eu gostar ou não. (Violeta).

Percebe-se pelas falas de Violeta e de Papoula que ambas entendem comprometimento com base no esforço e na dedicação. Isso nos leva a refletir que um estudante comprometido esforça-se para dar e ter sempre o melhor. Aliada à dedicação, a formação é de qualidade, pois este empregará tempo e recursos, não medindo esforços para ter uma formação eficiente.

Uma pessoa comprometida é uma pessoa que sabe o que quer e que está disposta a realizar o que é necessário para que o que ela precisa aconteça. (...) Eu acho que vai do contexto de cada pessoa. Por exemplo, me comparando com as minhas colegas,

eu vejo que elas estão muito mais comprometidas no sentido de estar mais dispostas e também sempre prontas pra tudo o que acontece aqui na faculdade (Bromélia).

Bromélia tem um conceito de comprometimento fundamentado na determinação, afirmando que uma pessoa comprometida é aquela que está disposta a enfrentar os obstáculos ou desafios que surjam no caminho, sendo firme na sua posição ou escolha, cita também a disponibilidade como sendo uma característica relevante de uma pessoa comprometida. E ainda, faz reflexão em relação a sua atuação na universidade, consciente de que não tem estado disposta para os estudos tanto quanto algumas colegas e que isso impacta de forma negativa em sua formação profissional. Diante disso, percebemos que embora algumas colaboradoras entendam o conceito de comprometimento defendido por Ferreira (2012) que um estudante com as características citadas seja um estudante comprometido, a prática difere do discurso.

Além de todas essas definições, registramos a de Hortência que trouxe seu entendimento baseado em limites e possibilidades individuais, defendendo que um estudante comprometido está baseado em seus limites pessoais e demonstrou que apenas se compromete com o que sabe que vai conseguir, nos levando a entender que os esforços e a dedicação, bem como a responsabilidade não surtiriam efeito nesse caso. Com base nesse entendimento, a formação do profissional seria uma formação frágil e não atenderia as necessidades atuais.

Comprometimento que depende muito da pessoa, assim de cada um. Eu mesma me vejo assim, eu me comprometo com aquilo que sei que vou conseguir. A partir do momento que eu sei que não vou, aí eu paro ali. Eu tento caminhar, caminhar até onde dá, até minhas possibilidades (Hortência).

Para Ferreira (2012) o comprometimento implica responsabilidade e compromisso e este impacta na formação dos profissionais da educação, assim concluímos que o estudante deve ter responsabilidade com o compromisso assumido no momento da escolha em cursar o Ensino Superior que, como citamos, não é obrigatório. Nesse sentido, Hortência demonstra uma consciência quanto ao conceito de comprometimento, mas demonstra falta de persistência em superar possíveis obstáculos.

Isso nos remete ao que Coulon (2008) defende sobre o ato de afiliação e que cabe a cada estudante traçar o seu caminho, sendo protagonista do processo formativo, pois cada um é responsável pela sua formação e assim “se torna definitivamente um membro” (p. 193) da universidade disposto a esforçar-se para ter uma formação condizente com a necessidade atual da educação.

Ao analisar as concepções das colaboradoras e o diálogo com os autores citados, com base nas discussões traçadas até aqui acerca do comprometimento, chegamos à conclusão que,

o estudante comprometido é aquele que emprega tempo, recursos e esforços nos estudos, além da dedicação, do foco e da determinação com o que se quer, sendo responsável com os compromissos assumidos e as escolhas realizadas, independente das influências familiares, estando sempre disposto a dar e exigir o melhor no processo formativo. Só assim, terá uma formação qualificada para atuar com competência na sociedade e isso pode ser a aspiração de todo estudante.

3 Considerações finais

Diante da discussão aqui tratada é evidente que também é papel da universidade hoje discutir o comprometimento estudantil, uma vez que interfere diretamente no desenvolvimento de seu papel social.

Ao revelar a falta de compromisso e responsabilidade dos estudantes com sua formação, demonstra que grande parte destes nas turmas pesquisadas, não tem consciência desse resultado no desenvolvimento da profissão, evidenciando que o comprometimento está presente no discurso, mas na prática não estão dispostos a enfrentar os obstáculos que surgem em meio ao processo para ter uma formação eficaz.

A pesquisa revelou também que quando ocorre interação e diálogo durante o desenvolvimento das aulas, é provocada pelos mesmos estudantes e são estes que se consideram protagonistas do processo formativo e que desenvolveram a autonomia para ter êxito no Ensino Superior, nesse caso é um quantitativo pequeno. Se a própria universidade não se atentar a esse estudante que não tem persistência em superar obstáculos formativos, ousamos dizer que está fadada a não cumprir o papel social para o qual foi criada.

Enfim, nesse processo é fundamental cada um compreender que é preciso ter responsabilidade com a formação e que a mesma é individual e que ninguém pode fazer esse processo formativo ser de qualidade a não ser o próprio sujeito. Dessa forma, afiliar-se é o primeiro passo para tornar-se comprometido. Nesse sentido, as reflexões precisam ser diárias, a cada lacuna percebida, a cada conteúdo não compreendido e a cada momento que deixou a desejar. É um processo que necessita ser retomado e reavaliado constantemente. Esse processo é difícil, mas necessário para ter êxito no Ensino Superior.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2018.

_____. Lei 10.260: Fundo de financiamento ao estudante. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10260.htm Acesso Abr 2018.

_____. Decreto nº 9.034: Dispõe sobre ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9034.htm Acesso Abr 2018.

_____. Lei nº 11.096: Institui o Programa Universidade para Todos – PROUNI. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111096.htm Acesso Abr 2018.

_____. **Governo do Brasil.** 2012. Modificação em 2017. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>. Acesso em 08 jun. 2018.

CASTANHO, Sérgio. E. M. A universidade entre o sim, o não e o talvez. In. VEIGA, Ilma Passos Alencastro, CASTANHO, Maria Eugênia L.M (orgs.). **Pedagogia universitária: A aula em foco.** Campinas, SP: Papirus, 2000.

CHARMAZ, CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada:** guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

COULON, Alain. **A condição de estudante:** A entrada na vida universitária. Edufba. Salvador, 2008.

ENGERS, M. E. A.; MOROSINI, Marília Costa (orgs.). **Pedagogia universitária e aprendizagem.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FELICETTI, Vera Lucia; MOROSINI, Marília Costa. **Do compromisso ao comprometimento:** o estudante e a aprendizagem. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe2/02.pdf>. Acesso em 08 jun. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 7. ed. Curitiba: Positivo, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais (P. A. Guareschi, Trad.). In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático (pp.64-89) Petrópolis: Vozes, 2008.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário.** São Paulo: Summus, 2003.

SIANE, Sergio Ricardo; CORREA, Dalila Alves; CASAS Alexandre Luzzi Las. **Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica:** o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida. Revista de Administração da UNIMEP – v.14, n.1, Janeiro/Abril – 2016. Página 219.

STRAUSS, A; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos o desenvolvimento de teoria fundamentada.** Tradução Luciane de Oliveira da Rocha. – 2.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

TEIXEIRA, M. **Prática docente e autonomia do aluno:** uma relação a ser construída em cursos de graduação. Tese de Doutorado. São Paulo: 2002.

UNESCO. **Declaração mundial sobre educação superior no século XXI:** visão e ação. Paris, 1998.